

METODOLOGIA PARA HISTÓRIA DO URBANISMO DE POVOAMENTOS DE LONGA DURAÇÃO

METHODOLOGY FOR THE HISTORY OF THE URBANISM IN LONG-TERM SETTLEMENTS

Sofia Simões Santos

*Centro de Estudos Sociais, Instituto de Investigação Interdisciplinar; Universidade de Coimbra,
Portugal
sofiam santos@ces.uc.pt*

RESUMO

A pesquisa realizada no âmbito da História do Urbanismo com enfoque no povoamento de longa duração, centrou-se num lugar da História da América Portuguesa, o rio São Mateus. Objetivou-se entender a evolução urbana da região, entre os séculos XVI e XIX. A escassez de fontes primárias levou à utilização de metodologia própria, de pesquisa, recolha documental arquivista e elaboração de mapas conjecturais. Foi essencial o contributo teórico-metodológico de Reis Filho, na obra *Contribuição ao estudo da Evolução Urbana do Brasil - 1500/1720*, os estudos de Beatriz Bueno, quanto ao conceito de território e suas vinculações com a cartografia, e de Pedro Almeida Vasconcelos, quanto à geografia histórica e a cartografia. Explorou-se a informação contida nos registos iconográficos, confrontando-a com vários documentos e estudos. Com os dados obtidos construíram-se mapas conjecturais, representativos da materialização urbana. A análise da consolidação urbana e (des)continuidades permitiu um entendimento da evolução urbana de São Mateus.

Palavras-chave: História do urbanismo colonial brasileiro, história da América Portuguesa, metodologia de povoamentos de longa duração, mapas conjecturais.

Linha de Investigação: 1. Cidade e projeto **Topico:** História Urbana e história do Urbanismo.

ABSTRACT

The research carried out within the History of Urbanism, with a focus on long-term settlement, on one place in the History of Portuguese America, the São Mateus River. The objective was to understand the urban evolution of the region, between XVI and XIX centuries. The scarcity of primary sources led to the use of its own methodology, research, archival documentary collection and the elaboration of conjecture maps. It was essential the theoretical-methodological contribution of Reis Filho, in *Contribuição ao estudo da Evolução Urbana do Brasil - 1500/1720*, the studies of Beatriz Bueno, regarding the concept of territory and its links with cartography, and Pedro Vasconcelos, regarding historical geography and cartography. The information

contained in the iconographic records was explored, confronting it with various documents and studies. With the data obtained, conjecture maps were constructed. The analysis of the urban consolidation allowed an understanding of the urban evolution of São Mateus.

Keywords: History of Brazilian colonial urbanism, history of Portuguese America, methodology of long-term settlements, conjecture maps.

Thematic clusters: 1. City and project. **Topic:** Urban History and History of Urbanism.

Introdução

A metodologia que se apresenta neste artigo foi desenvolvida entre 2015 e 2017, como estudo da região do rio Cricaré ou rio São Mateus.

A pesquisa realizada foido âmbito da História do Urbanismo Colonial no Brasil pretendia-se chegar ao entendimento da evolução urbana da região de São Mateus, que se situa entre Porto Seguro e a sede da capitania do Espírito Santo, hoje Vitória, cujos povoamentos se iniciaram em 1535.

Partiu-se da hipótese de que se trataria de uma evolução urbana de longa duração, pela sua posição geográfica, pela observação *in loca* da sua paisagem cultural em materialização urbana, do qual faz parte o Sítio Histórico do Porto de São Mateus, reconhecido com o primeiro Tombamento do Patrimônio Histórico e Arquitetónico da Secretaria da Cultura do Estado do Espírito Santo, desde 1976.

Por palavras de Walter Rossa (2002: 19), o “urbanismo como um todo integrado dos vários layers históricos do espaço transformado é um dado tão importante para o planeamento e o desenho de ensanches urbanos quanto o programa ou a topografia”. E por isso, a pesquisa centrou-se na análise da História do Urbanismo.

A falta de fontes primárias na historiografia de São Mateus, no contexto de território do Espírito Santo, obrigou a alargar a pesquisa cartográfica e de manuscritos, pelos estados vizinhos, como Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Foram trabalhados dados indiciais, de forma entrecruzada, a partir da análise e do entendimento do território, assim como, a partir da conjugação dos vários contextos e agentes, presentes em fontes arquivísticas primárias e secundárias.

A pesquisa foi sendo organizada em três partes: a do reconhecimento do lugar; do povoamento e do entendimento da evolução urbana de São Mateus.

Foram produzidos mapas conjecturais, como ferramentas aglutinadoras de informação dispersa, ao mesmo tempo que permitiam a análise do processo de povoamento no longo percurso.

1. Metodologia para povoamentos de longa duração

No final do século XIX, o geógrafo francês Paul Vidal de La Blache¹, entendia o homem como ser capaz de contribuir na transformação do meio físico por iniciativa própria. Concentrou-se no meio e na ação combinada deste com o homem, que ao fim de um longo tempo decorrido, teria moldado determinados modos de vida. Os seus estudos influenciaram a obra do historiador Fernand Braudel e a Escola de Annales, que trouxeram ao debate a mais valia da análise sobre os períodos de longa duração histórica (Burque, 1997).

No final do século XX, outro geógrafo francês, Augustin Berque, afirmou que a paisagem tanto é **matriz** como é **marco** na medida em que esta permite usos e significações entre gerações, mas também resulta do registo – sinais ou símbolos - que dados grupos vão deixando no espaço (Berque, 1984: 33).

¹Paul Vidal de la Blache, em 1891, fundou com Marcel Dubois a revista *Annales de Géographie*. Esta inspiraria mais tarde a *Annales d'histoire économique et sociale*, e consequentemente os historiadores da *l'école des Annales*. (Cf. BURQUE, 1997).

Os aspectos materiais, ou imateriais, e subjetivos da paisagem cultural, não são indiferentes à consideração e identificação de um dado património, uma vez que os valores simbólicos atribuídos ou inerentes a um bem, edifício ou organização espacial, manifestam-se na paisagem construída.

Assim, era preciso responder às perguntas:

- i) *Em que momento este lugar passou a estar enquadrado nas políticas de povoamento do território colonial brasileiro?*
- ii) *Houve continuidades e/ou mudanças na apropriação do espaço?*
- iii) *De que forma estas se materializaram no espaço territorial?*

Buscou-se o entendimento histórico do lugar, na longa duração, sob a suspeita de que a história ainda não registada, a “história inconsciente” de que nos fala Fernand Braudel (1965: 277-278), tenha muito ainda por nos dizer:

Admitamos, pois, que existe, a uma certa distância, um inconsciente social. Admitamos, ainda por cima, esperando o melhor, que êste inconsciente seja considerado como mais rico, cientificamente, que a superfície reluzente à qual nossos olhos estão habituados; mais rico cientificamente, isto é, mais simples, mais fácil de explorar, — senão de descobrir.

O lugar que se pretendeu estudar foi entendido como um sítio que ainda no século XVI, se nomeou, se desbravou, se escreveu sobre ele e possivelmente se iniciou nele uma pequena povoação. Mas também não deixou de ser visto como um sítio mais abrangente, e que diz respeito à região das margens do rio São Mateus, de forma a identificar as estratégias e ações, que tenham promovido o conhecimento de todo este território. Estas ações, nomeadamente a procura de riquezas naturais, levaram à interação com outros povos, à ocupação do território, em um ou mais núcleos, e à elevação a Vila.

Posto isto, para responder às várias questões da investigação e por se ter entendido que se tratava de analisar um processo dinâmico de urbanização de longa duração, com mecanismos, ações e estratégias, que teriam permitido a evolução deste núcleo menor dentro da rede urbana que constitui a história do urbanismo colonial, tomou-se em consideração o pressuposto teórico-metodológico proposto por Reis Filho (1968), na obra *Contribuição ao estudo da Evolução Urbana do Brasil- 1500/1720*, com base na sociologia, geografia, nos fatores econômicos e político-administrativos.

E, paralelamente, as contribuições dos pesquisadores Cortesão (1965), Vasconcelos (2009), Araújo (1998, 2010), Abreu (2014) e Bueno (2001, 2009, 2011, 2012), no que respeita à cartografia histórica como instrumento capaz de reunir informação coletada de fontes primárias, visando o entendimento das dinâmicas do espaço de urbanização num período remoto de escassas fontes.

Assim, a pesquisa e recolha documental arquivista constituiu parte fundamental da metodologia, da qual faz parte a iconografia histórica. E para a sua análise foi essencial o contributo de Bueno (2001:195), quanto ao “conceito de território e suas vinculações com a cartografia” e de Vasconcelos (2009: 147) que sintetiza a importância da cartografia:

Para a geografia urbana histórica, a cartografia de cada época tem uma importância fundamental [...] – porque os próprios mapas são marcos definitivos de etapas das transformações [...], nos dando uma informação precisa (em diferentes graus) do que já existia, do que estava consolidado, e do que tinha importância em ser registrado e mapeado[...].

Para um melhor entendimento dos documentos cartográficos e dos processos de ocupação do lugar, fez-se necessário o entendimento da morfologia geofísica, marítima ecosteira da região, caracterizada por grande mutabilidade e proximidade com os recifes de Abrolhos.

Para registo destas pesquisas que se desenvolveram paralelamente e por vezes independentemente, arquivaram-se os dados em suporte informático, organizados por temas. Na Figura 1 abaixo, a título de exemplificação, apresenta-se a grelha elaborada porque se pretendia relacionar os períodos densos de povoamento do Brasil e a cartografia selecionada para a pesquisa de São Mateus. Para isso, utilizou-seo EXCEL como ferramenta, porque permitia a inserção da informação por tema, por data, por poder ou agente(s), com grande flexibilidade de visualização e preparação das grelhas cronológicas.

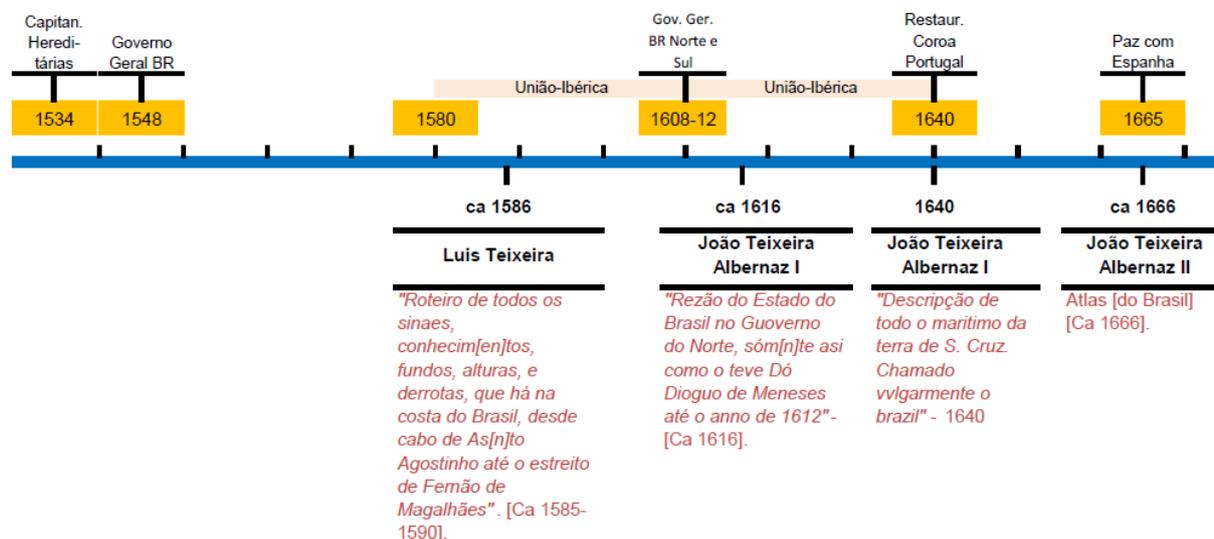


Fig. 01—Exemplificação da utilização da ferramenta de suporte digital, na pesquisa referida. Fonte:Elaboração própria a partir de vários dados arquivísticos.

As grelhas e quadros produzidos ajudaram no entendimento dos intervalos temporais e observação das permanências, pertinentes para a análise do processo de evolução espacial. Consequentemente, ajudaram na seleção dos períodos a analisar, como também, permitiram uma leitura mais orientada da análise cartográfica em relação aos dados ou suposições históricas.

Foi a confrontação dos vários tipos de documentos de fonte primária que permitiu avaliar a continuidade, e/ou eficácia de alguns princípios reguladores deste território. A partir destes dados e da análise dos resultados

construíram-se mapas conjecturais, representativos de momentos específicos de consolidação e evolução urbana do lugar. Pois como afirma Rossa (2009: 26)

Nas suas mais diversas formas e desde que obedeça a um protocolo claro, o desenho é um dos mais fiáveis instrumentos de registo de uma qualquer realidade imaginada ou materializada. No último dos casos diria mesmo que depois do(s) objeto(s) que materializam essa realidade, é mesmo o mais fiável.

Assim, a pesquisa foi organizada em três partes:

- Primeira parte - com o **Reconhecimento do lugar**, onde foi apresentada a análise compartimentada no (1) Reconhecimento pela **geomorfologia** do lugar, (2) Reconhecimento pela **historiografia** do lugar e (3) Reconhecimento pela **iconografia cartográfica** do lugar, com o objetivo de se identificar as continuidades e/ou mudanças na apropriação do espaço, que pudessem ter sido materializadas no território.

- Segunda parte - dedicada ao **Povoamento do lugar**, onde se identificou momentos de (des)povoamento do território.

- Terceira parte – onde foi apresentada a metodologia para a elaboração dos mapas conjecturais, os mapas produzidos; os resultados obtidos pela análise dos mapas; o entendimento da **Evolução Urbana do lugar**.

1.1. Reconhecimento do lugar

Fez-se a revisão bibliográfica histórica e cartográfica, como também, dos manuscritos coloniais, relatórios de governo da Província e relatos de viagem, visando entender em que momento este lugar poderia ter estado enquadrado nas políticas de povoamento do território colonial brasileiro.

Quando da análise destes documentos foi determinante considerar que a paisagem que o observador viu, ao longo destes quatro séculos, não poderia ser entendida como tão estanque, quanto as palavras ou a iconografia que este observador tenha produzido.

Tal como afirma Rossa (2009: 26) “Tudo o que pensamos ser realidade não é mais que uma abstracção individual e datada da realidade em si”, e continuando com base no seu discurso “é necessário criticar a fonte, conhecer a sua história, por mais coerente que seja a sua aparência. Há sempre pelo menos duas versões de uma mesma acção.” (Rossa 2009: 27).

O pesquisador Bittencourt (1981), no artigo *A pesquisa de fontes primárias e a produção historiográfica do Espírito Santo*, expressa um dos grandes problemas da historiografia disponível, caracterizando-a pelo “autodidatismo e técnicas de pesquisa e investigação superadas, calcados quase sempre nas mesmas fontes e temas” (Bittencourt, 1981: 6).

Considerou como o “verdadeiro despertar [...] capixaba para as fontes primárias” (Bittencourt, 1981:7), o I SIMPOSIO DE HISTÓRIA de 1972, promovido pelo Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, com a comunicação *Em defesa da Memória Capixaba* do professor Guilherme dos Santos

Neves, onde lançou também a campanha *Para que se salve e preserve o pouco do nosso espólio cultural, que só por milagre ainda nos resta*, provocando motivação para o levantamento e catalogação de documentos e monumentos (Bittencourt, 1981).

Decorrido três décadas, o pesquisador Ribeiro (2010: 2) manifesta a permanência das mesmas dificuldades:

Estudar o passado de uma capitania como o Espírito Santo é assunto complexo e agravado pela perda de fontes e pela inexistência de produção historiográfica crítica e vigorosa. [...] Além disso, muito da documentação de interesse do Espírito Santo pode ainda estar em outros arquivos públicos brasileiros aguardando identificação e transcrição paleográfica. Portanto, as investigações de história do Espírito Santo português, isto é, colonial, ainda demandarão muito esforço e investimento permanente.

Como exemplo disso, e porque as fontes continham informação pouco consistente ou discordante, tornou-se essencial analisar, na atualidade, a posição geográfica da região, relativamente ao oceano atlântico e aos recifes dos Abrolhos nas suas proximidades (Fig. 02).



Fig. 02: Recorte do mapa que mostra São Mateus e a costa atlântica desde Salvador até o Rio de Janeiro. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth. 2016.

Pela análise da Fig. 02, foi possível confirmar a dificuldade de acessibilidade à região registada em vários documentos coloniais, nos quais se inclui a cartografia. No entanto, na historiografia disponível, nem sempre é considerada esta dificuldade quando se aborda o pouco desenvolvimento ou isolamento da capitania do Espírito Santo.

Alguns especialistas – geógrafos, geólogos e biólogos visitaram o Espírito Santo, no século XIX, com o objetivo de conhecer o novo mundo. Produziram desenhos, relatos, esquemas e histórias sobre cada lugar, mas poucos foram os que a partir da sede da capitania conseguiram atravessar o rio Doce (Fig. 03) dirigindo-se para o norte. Por essa razão, também poucos chegaram à região de São Mateus ou se dedicaram a conhecê-la. Considerou-se na pesquisa que o factor determinante e limitador tivesse sido o perigo que era navegar nesta região, que obrigava a fazer a viagem entre a Bahia e Vitória pelo alto mar, contornando os Abrolhos.

Morfologicamente, só no ano de 1865 com a *Geografia e Geologia do Brasil*, do geógrafo Hartt (1941), é que se viria a tomar conhecimento da caracterização da região, com algum detalhe e critério.

De destacar que a pesquisa sobre a região de São Mateus apresenta um recorte temporal de três séculos, inevitavelmente associado a uma dimensão espacial considerável, abrangendo grande diversidade geográfica e uma foz - barra fluvial mutável, adjacente a uma plataforma continental não menos rica de diversidade.

Portanto, para que a análise não ficasse apenas pelas inúmeras e hipotéticas suposições, tornou-se necessário um conhecimento mais científico da **geomorfologia** da região, tendo-se recorrido aos estudos da equipa da pesquisadora Albino (2006), que foram essenciais para o entendimento das informações que se retiraram das fontes, como o reconhecimento das características das três unidades geomorfológicas do litoral do Espírito Santo: “os tabuleirosterciários da Formação Barreiras, os afloramentos e promontórios cristalinos pré-cambrianos e as planícies flúvio-marinhas quaternárias.” (Albino, 2006: 229)(Fig. 03).



Fig.03: Distribuição dos depósitos terciários da Formação Barreiras ao longo do litoral do Espírito Santo. Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Albino, J. et al. modificado de Amador & Dias.

As informações recolhidas do trabalho de Hartt (1941), assim como, a caracterização geomorfológica, permitiu um melhor entendimento das condições morfológicas que terão certamente dificultado a acessibilidade à região. As várias considerações também permitiram uma melhor interpretação dos dados cartográficos (entre século XVI e XIX) e suas respectivas descrições.

Interessava, particularmente, o entendimento da definição dos contornos da região (marítimos e continentais) de forma a relacionar o território com os princípios e estratégias de ordenamento, mencionados em diversos documentos. Com a análise da informação obtida a partir da historiografia e de fontes primárias, foi possível identificar uma sobreposição de jurisdições administrativo/militar, eclesiástica e judicial.

Esta informação permitiu representar as variações nos limites norte do território em análise; verificar a pertinência dos vários poderes e agentes; relacionar num determinado intervalo de tempo o território de São Mateus ora com a capitania do Espírito Santo, ora com a da Bahia. Este esclarecimento possibilitou uma gestão mais eficaz da pesquisa nos vários arquivos. Também permitiu considerar ser esta uma das justificações para a quase ausência, ou pouca fidedignidade da informação sobre a povoação de São Mateus na historiografia do Espírito Santo colonial (Fig. 04).



Fig. 04: Síntese dos limites territoriais do norte do Espírito Santo e sul de Porto Seguro (BA), nos séculos XVII, XVIII e XIX, respetivamente. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth. 2016.

Pela escassez de fontes primárias na historiografia, entendeu-se ser pertinente o reconhecimento pela **iconografia cartográfica** do lugar, com o objetivo específico de recolher informação a partir desta e da descrição cartográfica, produzidas pelos cartógrafos da coroa portuguesa, entre 1574 e 1666, com enfoque na identificação de topônimos, de signos que caracterizassem o entorno, e que pudessem dar informações sobre os limites territoriais, a acessibilidade e o povoamento da região do Cricaré/São Mateus.

A opção de analisar os registos cartográficos enriqueceu a pesquisa, uma vez que através do olhar e representação dos cartógrafos da corte, que reuniram cinco gerações da mesma família Teixeira/Albernaz, pôde-se verificar a presença e continuidade de topônimos, esclarecendo se corresponderia apenas a uma evolução toponímica ou ao registo mais fidedigno de um território ainda por ser conhecido.

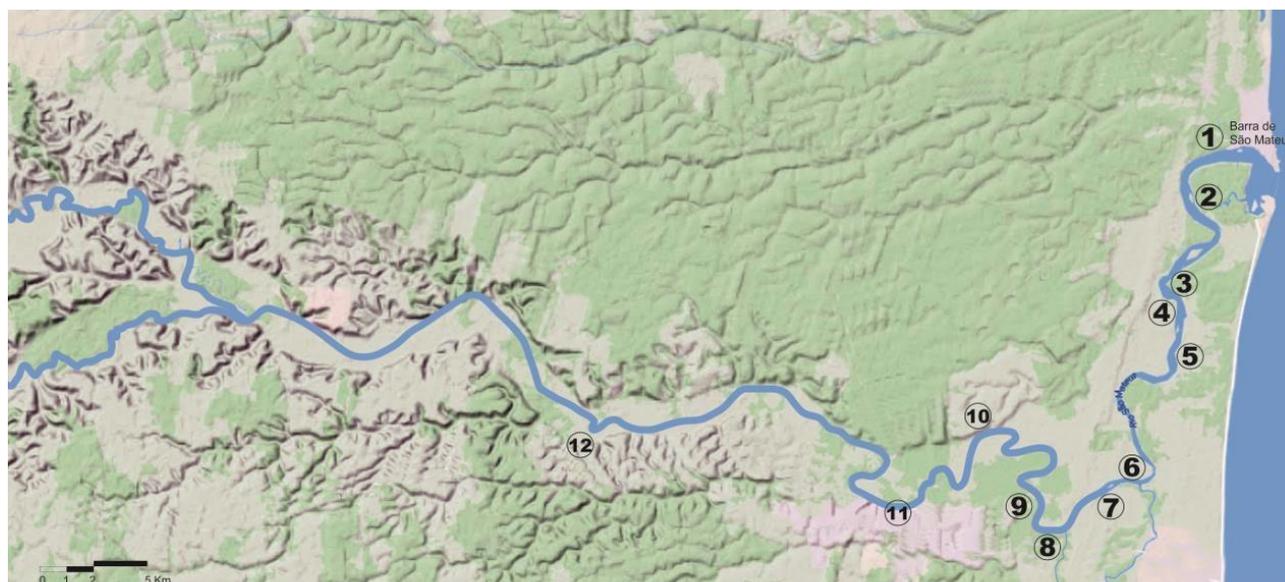
Particularmente, interessava saber qual teria sido o real efeito da cartografia, como elemento transmissor da informação que a coroa portuguesa necessitava obter para poder determinar as políticas e estratégias para esta região. Por isso, a análise não se restringiu à produção dos cartógrafos portugueses. Da pesquisa no

acervo cartográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pode-se confrontar a informação obtida com outras fontes elaboradas por outros cartógrafos europeus, não portugueses.

1.2. Povoamento do lugar

Nesta segunda parte, objetivou-se identificar princípios, estratégias e ações que teriam resultado em momentos de povoamento do território, com o surgimento de uma ou mais povoações. No entanto, eram inexistentes os elementos iconográficos dos lugares povoados até a primeira década do século XX. Assim, a análise assentou-se nas fontes primárias e secundárias, até meados do século XIX, nomeadamente, documentos manuscritos coloniais, relatórios de presidência da Província do Espírito Santo, roteiros de viagem e fotografias do início do século XX.

Estes documentos permitiram obter informação sobre as sesmarias atribuídas ao longo do rio, no século XVIII. A partir dos nomes ou da descrição da atribuição de algumas destas sesmarias, obtiveram-se dados fidedignos, que permitiram a elaboração de mapas com a localização de um número substancial de sesmarias, que confirmam que no início do século XVIII houve exploração das duas margens do rio. O *Auto de Demarcação da Vila Nova de São Mateus de 1764*, do ouvidor Tomé Couceiro (Relatório, 1764) e as *cartas do Bispo do Rio de Janeiro, José Caetano Coutinho* (Coutinho, 2002) que descrevem o local que visitou, em 1819, confirmaram que algumas das denominações das sesmarias permaneceram até ao século XIX (Fig. 05e 06).



Legenda: 1 - PEDRAS; 2 - BARREIRAS; 3 - POVOAÇÃO VELHA; 4 - MELEIRA; 5 - FURADO; 6 - MARARICÚ; 7 - CARREIRA DOS DOIS IRMÃOS; 8 - REGISTO; 9 - PEDRA D'ÁGOA; 10 - OUTEIRINHOS; 11 - PORTO DA POVOAÇÃO; 12 - JACARANDÁ .

Fig. 05-Mapeamento do rio S.Mateus com identificação das paragens referidas no relatório de reconhecimento do rio, feito pelo Ouvidor Tomé Couceiro, em 1764. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth. 2016.

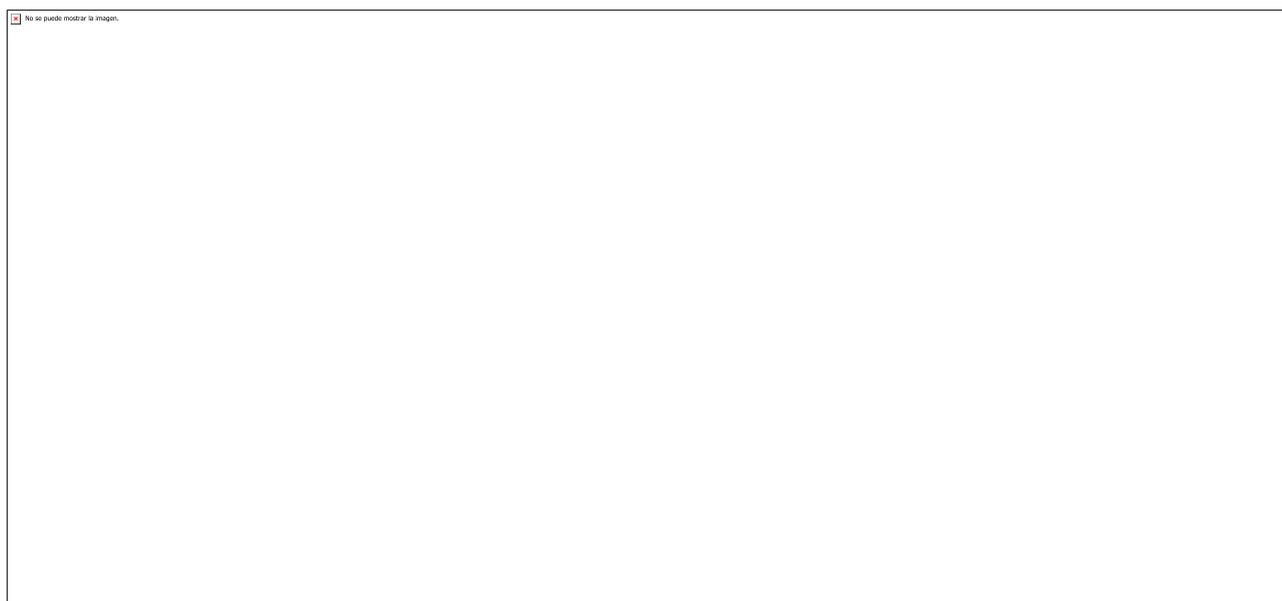


Fig. 06–Indicação de todos os lugares citados pelobispo José Caetano Coutinho, aquando da visita ao rio S.Mateus,em 1819. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth.2016.

Estes documentos também permitiram esclarecer imprecisões da historiografia, nomeadamente, o número e o local das povoações ao longo do rio São Mateus, assim como, permitiu datar edifícios de valor simbólico, como as igrejas matriz e velha, e a casa de câmara e cadeia.

1.3. Evolução urbana do lugar a partir de mapas conjecturais

Na terceira parte da pesquisa, aos dados recolhidos, juntaram-se outros resultados obtidos a partir das relações estabelecidas entre asvárias informações que foram organizadas e apresentadas nas duas partes anteriores do estudo. Estes resultados permitiram determinar: os critérios de seleção da informação; os critérios do espaço físico e temporal a ser representado; construir gráficos populacionais e de fogos; calcular a percentagem de provável mancha construída.

Assim estava assegurada a fidedignidade dos resultados e constituiriam-se nos elementos necessários para a elaboração dos três mapas conjecturais da povoação principal - chamada de São Mateus - para um entendimento da sua evolução urbana:

Mapa M I - 1764 – data em que a povoação de São Mateus passa a Vila (Fig. 07);

Mapa M II - 1819 – data da visita do Bispo do Rio de Janeiro à freguesia e Vila de S.Mateus (Fig. 08);

Mapa M III – fim do século XIX (Fig. 09).

Para a elaboração do primeiro mapa, **M I – 1764** (Fig. 07) foi fundamental a informação contida no *Auto de Demarcação da Vila Nova de São Mateus de 1764, do ouvidor Tomé Couceiro* (Relatório, 1764), por ser descritivo quanto à materialidade da povoação, com informação precisa quanto à localização dos elementos urbanos existentes, e ser reconhecida a sua validade enquanto fonte primária, pelas assinaturas do Ouvidor,

seu escrivão e todos os moradores presentes nos momentos das cerimônias de demarcação. Faz também parte deste conjunto de análises os relatórios de 8 de Janeiro e 16 de Junho, do mesmo ano, produzidos pelo mesmo Ouvidor (Relatório, 1764).

Para a elaboração do segundo mapa, **M II – 1819** (Fig. 08) foi crucial a informação dos *Apontamentos feitos pelo Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano Coutinho, em 1819* (Coutinho, 2002), quando passou quatro dias na região do rio S. Mateus e descreveu a Vila com olhar apurado e senso crítico. Este documento ganhou importância também, pela proximidade temporal da Independência do Brasil, que no caso de S. Mateus teve implicações diretas em janeiro de 1823, quando a população decidiu aderir ao governo independente do Rio de Janeiro, e ainda, por ter sido o momento intermédio entre a data de elevação da povoação a Vila, 1764, e a elevação da Vila a Cidade, em 1848.

Para a elaboração do último mapa desta pesquisa, **M III – fim do século XIX** (Fig. 09) foram os resultados apresentados na secção respeitante ao povoamento, sobretudo a descrição do geógrafo Hartt, em 1865, que permitiu inferir que em meados do século XIX, existiam dois centros urbanos em S. Mateus – o alto, onde se situava o centro religioso e cívico, e o baixo, do porto. Mas para confirmar se houve consolidação destes, na Vila de S. Mateus e em que medida terá permitido a evolução do núcleo urbano, recorreremos às primeiras fotografias de S. Mateus de que se tem conhecimento, e que são de Eutychie d'Oliver Vasconcellos (1880-1949), do "Álbum do Espírito Santo, que [...] foi produzido para divulgar as cidades, vilas, negócios, belezas naturais, produtos econômicos entre outras coisas, na histórica Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro" (Barros, 2016).

Todos os mapas conjecturais foram elaborados a partir da captura e conversão de imagens do Google Earth em PDF, que se constituíram nas matrizes com escala e elementos referenciais do espaço a representar. Seguidamente, as matrizes foram inseridas no Corel Draw e produziram-se novas imagens vetoriais e em camadas ou layers, de forma que cada mapa pôde ser construído simultaneamente e independentemente, estando garantida a escala e a possibilidade de sobreposição dos vários mapas, para avaliação das continuidades e da evolução urbana de S. Mateus (Fig. 07, 08 e 09).

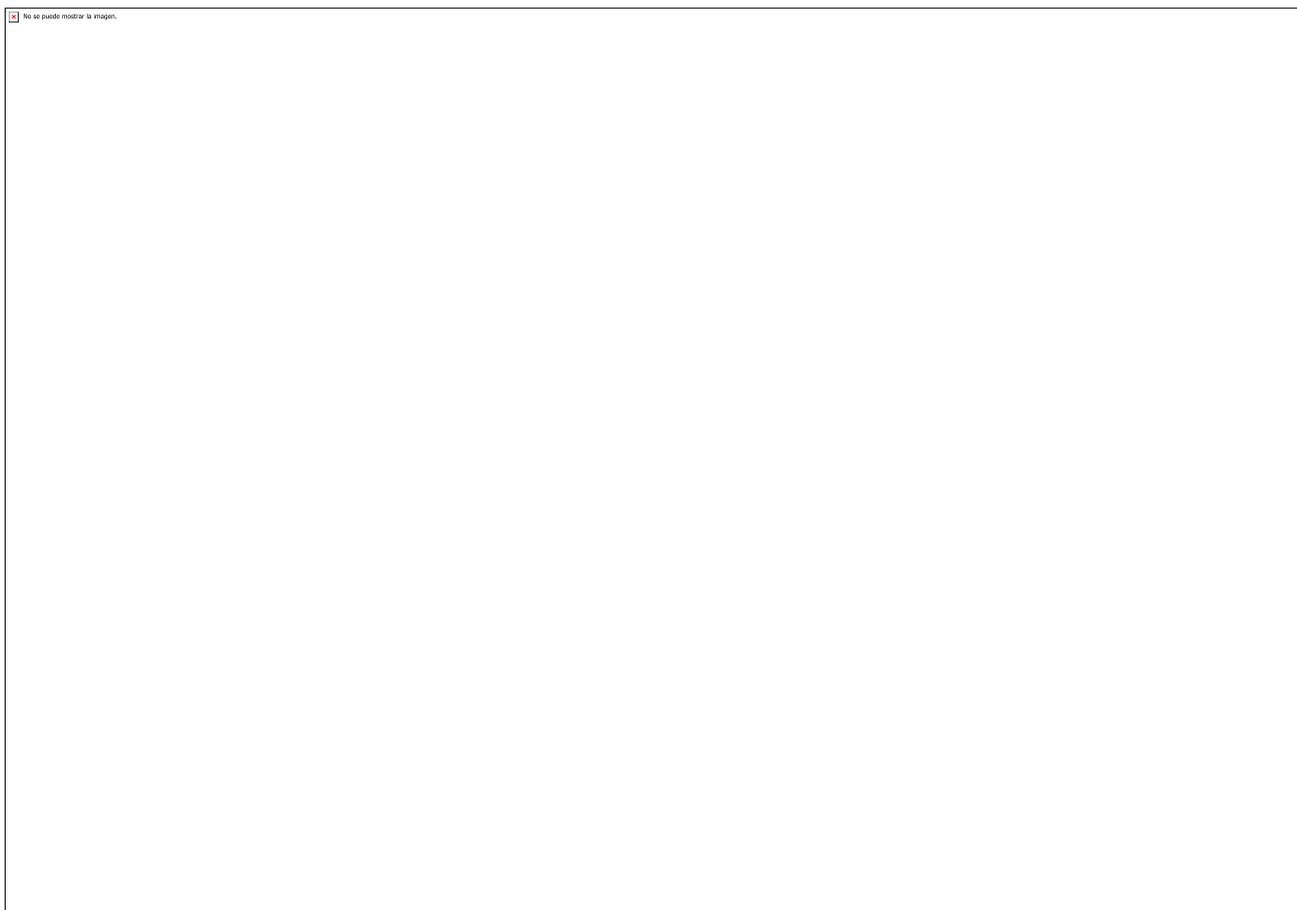


Fig. 07 –M I -1764: Mapa Conjectural demonstrativo da evolução urbana de São Mateus – Vila Nova de São Mateus em 1764. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth.2017.



Fig. 08 –M II - 1819 : Mapa Conjectural demonstrativo da evolução urbana de São Mateus em 1819. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth.2017.



Fig. 09 –M III - fim do século XIX :Mapa Conjectural demonstrativo da evolução urbana de São Mateus no fim do século XIX. Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Google Earth.2017.

2. Resultados obtidos

A metodologia utilizada e que se apresenta neste artigo permitiu identificar a origem e número de povoações que se formaram na região do rio S. Mateus; quantos habitantes, fogos e edifícios

representativos existiam, suas localizações e volumes; a alternância e inconstância nos vários poderes de jurisdição, suas sobreposições e agentes; como também as atividades e relações económicas desenvolvidas.

Estes resultados permitiram construir mapas conjecturais representativos de três momentos específicos de consolidação urbana da Vila de S. Mateus.

O primeiro mapa conjectural elaborado permitiu verificar a implantação da povoação de S. Mateus e que esta resultou da busca por terreno firme, com acesso à água e garantia de defesa. Portanto, corresponde às características das primeiras formações portuguesas de colonização do território brasileiro: Altaneira, com disposição estrategicamente defensiva e com forte relação com o rio, por conseguinte, com o seu porto.

A análise conjunta dos mapas conjecturais elaborados permitiu o entendimento da evolução urbana de São Mateus, assim como, permitiu constatar que a formação original do espaço urbano permanece na estrutura atual da cidade.

Muitos aspectos da historiografia da região, que tem a relevância de ter sido referida na primeira historiografia e cartografia portuguesa sobre o Brasil, do século XVI, foram esclarecidos pela reunião estruturada de documentos de fonte primária.

O processo interdisciplinar da recolha, seleção e análise entrecruzada da informação, assim como, a elaboração e análise de mapas, permitiram que estes mesmos mapas conjecturais se tornassem base arquivística para esta região.

3. Considerações finais

A metodologia que se apresenta neste artigo permite:

- reunir vasta informação, de forma estruturada e com a possibilidade de ser acrescentada, a qualquer momento;
- o entendimento da evolução urbana de lugares de povoamento de longa duração e com escassez de fontes;
- ser aplicada nas pesquisas da História do Urbanismo e da História Urbana;

Acredita-se que a metodologia utilizada no estudo de S. Mateus possa contribuir para outros estudos de locais de povoamento de longa duração.

Portanto, é um importante contributo para a História do Urbanismo Colonial no Brasil ou da América Portuguesa.

4. BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. A. (2014). A apropriação do território no Brasil colonial. En F. FRIDMAN e R. HAESBAERT(coords.), Escritos sobre história.(265-298). Rio de Janeiro: Garamond.

ALBINO, J. et al. (2006). Erosão e Progradação do litoral do Espírito Santo. In DIETER MUEHE(coord.), Erosão e Progradação do Litoral do Brasil (226 – 264). Brasília: Ministério de Meio Ambiente.

ARAÚJO, R. M.(1998). As Cidades da Amazônia no Século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.— (2010). O Patrimônio de Origem Portuguesa na América do Sul: Arquitetura e Urbanismo. En J. MATTOSO (coord.), Patrimônio de Origem Portuguesa no Mundo. Arquitetura e urbanismo: América do Sul (20-45). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

AZEVEDO, A. (1956). Vilas e Cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

BITTENCOURT, G. A. (1981). A pesquisa de fontes primárias e a produção historiográfica do Espírito Santo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (Rio de Janeiro), 332, 5-13.

BRAUDEL, F. (1965). História e Ciências Sociais. A longa duração. Revista de História, XXX(62), 261-294. Tradução de Ana Maria de Almeida Camargo. [orig. 1958].

BERQUE, A. (1984). Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. L'Espace Géographique, 12(1), 33-34.

BUENO, B. P. S. (2001). Decifrando mapas: sobre o conceito de território e suas vinculações com a cartografia. Ensaio parte da Tese de Doutorado, intitulada: Desenho e Desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). São Paulo: Edusp; Fapesp.— (2009): Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo 1532-1822. Anais do Museu Paulista (São Paulo), 17, 2, 251-294.— (2011): Com as mãos sujas de cal e de tinta, homens de múltiplas habilidades: os engenheiros militares e a cartografia na América portuguesa (séc. XVI-XIX). Revista Navigator. Dossiê Engenharia Militar, guerra e representações cartográficas nas Américas nos séculos XVI a XIX. 7(14), 1-13.— (2012): Desenho e Desígnio: o Brasil dos engenheiros militares 1500-1822. São Paulo: Edusp.

BURQUE, P. (1997). A escola dos Annales, 1929-1989. A revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP. Tradução Nilo Odalia.

CORTESÃO, J. (1965). História do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores. Tomo I.

COUTINHO, J. C. S. (2002). O Espírito Santo em Princípios do Século XIX. Apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. [Vitória]: Estação Capixaba e cultural.

HARTT, C. F.(1941). Geografia e geologia física do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

REIS FILHO, N. G.(1968). Contribuição ao estudo da Evolução Urbana do Brasil- 1500/1720. São Paulo: Livraria Pioneira. Editora da Universidade de São Paulo.

Relatório do ouvidor Tomé Couceiro, de 08 junho 1764. AHU-ACL-CU-005, CX.35, D.6508.

Relatório do ouvidor Tomé Couceiro, de 16 junho 1764. AHU-ACL-CU-005, CX.35, D.6508.

RIBEIRO, L. C. M.(2010). O comércio e a navegação na capitania portuguesa do Espírito Santo Brasil - SEC.XVI-XVIII. 30º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social: crises sociais, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

ROSSA, W. (2002).A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português. Coimbra: Almedina.— (2009):A relevância da Cartografia para a Construção da História de Urbes como Aveiro.En N. PÔRTO RIBEIROe L. PESSOTTI SOUZA ((coords.), Urbanismo Colonial: Vilas e cidades de matriz portuguesa, (26-35). Rio de Janeiro: POD editora.

VASCONCELOS, P. A. (2009). Questões metodológicas na geografia urbana histórica. Revista GeoTextos, v5, n2, 147-157.

4.1. Fontes eletrônicas

BARROS, P. (2016). Casa de Cultura em Colatina expõe fotos antigas do ES. JornalTempo de Notícias. Guilherme. 10 Março 2016.<http://jornaltempodenoticias.com.br/casa-de-cultura-em-colatina-expoe-fotosantigas-do-es/> (consulta: 28/12/2016).